



Universidade da Amazônia

**Maria Dusá**

**de Lindolfo Rocha**



**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [uvb@unama.br](mailto:uvb@unama.br)

## Maria Dusá

de Lindolfo Rocha

### CAPÍTULO I

Abria-se para o nascente o velho casarão da Lagoa Seca.

As dimensões da morada, e, mais que isso, o amplo avarandado de peitoril, guarnecido por centenas de tabiques, graciosamente recortados, vistos de longe, sugeriam a presunção de ser ali o pouso da abundância e do conforto.

No entanto, ao aproximar-se um pouco, o viajante arguto, lido ou corrido, mal continha uma interjetiva de desilusão, porque, em realidade, os listrões vermelhos de goteiras que lavaram o caiamento, corroendo o adobe de argila ferruginosa, as paredes rachadas, desaprumadas e carcomidas, na altura dos alicerces, indicavam uma casa abandonada. Acrescenta-se a vista de estacas isoladas, moirões de porteiros inclinados e apodrecidos, e ter-se-á a classificação de tapera que os sertanejos dão a moradas que foram de gente opulenta. De fato, os raros vizinhos de légua e mais, denominavam essa antiga fazenda Tapera da Lagoa, ou simplesmente: — Tapera. Mas assim o faziam somente em ausência dos donos que ainda a habitavam, posto que em estado de extrema pobreza e miséria orgânica.

Ao encontrar-se com o velho Raimundo Alves, ou com a quinquagenária Maria Rosa, sua mulher, os vizinhos, conhecidos velhos, talvez por um impulso de compaixão para com os herdeiros de uma das melhores fortunas do sertão em princípios do século passado, tratavam-no por senhor Raimundo e cortejavam-na com o tratamento de dona. Era isso também uma espécie de caridade que eles agradeciam com um sorriso desconsolado, sem, contudo, esquecerem jamais os modos altivos e os tiques de ricos de outros tempos.

Teve esse casal quatro filhas e dois filhos. Como os pais, viviam quatro restantes, em ociosidade, cobertos de andrajos, morrendo à fome. A seca de 59, foi-lhes ainda um bom pretexto para a incurável preguiça, porque ninguém realmente podia cuidar de roças.

Apenas duas moças faziam rendas, cujo produto insignificante supria-lhes algumas precisões, de longe em longe.

Uma tarde, a velha assistia, no peitoril, ao trabalho de rendas das duas filhas, enquanto o filho João e a outra moça arrancavam, na catinga, raízes de umbu, para o bró indigerível da ceia, quando soaram ao longe os cincerros e guizas de uma cabeçada. A seca tinha tornado raras as tropas naquela estrada. Ouvidos habituados à solidão receberam esses sons como se escutassem o bimbalar dos sinos duma igreja em festa. Houve alvoroço. O sangue subiu às faces das moças, que apanharam, às pressas, almofadas e pelegos velhos, em que se sentavam, e correram para o interior da habitação, embarçando os bilros, cujos fios, encardidos de pó vermelho, saltavam dos pés de mandacaru, servindo de alfinetes. A velha correu ao quarto açodada:

- Seu Raimundo, boas-novas! Aí vem uma tropa!
- Levanta, homem! cria coragem!

Estremunhado, assim, do sono doentio de faminto, o velho abriu os olhos vagarosamente. A mulher insistia baixando a voz, porque soava já no terreiro a estropiada do primeiro lote, de mistura com os sons da cabeçada:

— Levanta, homem!

— Ó de casa! – brada no peitoril uma voz forte, d’homem, enquanto retiniam chinelas sobre os tijolos estragados.

O velho fez um esforço, sentou-se no catre e respondeu:

— Ó de fora!

O arrieiro estava impaciente, porque mal ouviu a resposta perguntou:

— Pode-se arranchar aqui? tem cômodo pra os animais?

Não suportando mais a moleza do marido, a velha saiu e, depois de dar e receber as boas tardes, respondeu:

— Arranchar, pode; cômodo, só campo fora.

O arrieiro, um rapagão moreno, de uns vinte e cinco anos, fez um – Assim! – gemido e acompanhado de um gesto de contrariedade, e, voltando-se para os camaradas, gritou em voz de comando, enquanto desatava as esporas:

— Derruba!

E, obedecendo ao seu próprio mando, saltou do peitoril, já sem chinelas, levantando burros deitados, desarrochando-os rapidamente e atirando os couros no terreiro sujo de estravo.

Chegaram os dous lotes restantes.

Era a hora do trabalho árduo do tropeiro, principalmente quando a tropa está puxada ou batida, isto é, magra, fatigada de longas jornadas. Hora de aperto em que o tropeiro, prático no ofício, não distrai a atenção para coisa alguma, porque, à tarde, o animal, carregado, pode caminhar mais uma hora; porém, parando no pouso, suporta, de pé, um minuto.

Assim, toda a demora é nociva, não só porque o burro de tropa facilmente adquire a manha de deitar-se, (e, nesse caso, é preciso levantá-lo, pois se lhe tirarem uma vez a carga, deitado, apanha também esse sestro), como porque, no levantar-se, pode sonsar ou espaduar-se e o prejuízo é ainda maior.

Por isso, conhecedor e prático da vida de tropeiro, o velho Raimundo, parando no peitoril, assistia, impassível, ao serviço bem feito, e esperava, com paciência, que o terminassem, para saudar e receber as saudações do costume, entre sertanejos, enquanto, pelas frestas das portas e das janelas, olhares tristes e cobiçosos miravam os surrões de sal e bruacas lustrosas de unto. E não só o olhar, mas especialmente o olfato se deliciava com cheiro característico de uma carga de carne ou toucinho. Como toda a sua gente, o velho deglutia em seco.

Amainada a lufa-lufa, com a arrumação das cargas, em fileiras para cada lote, aproximou-se do peitoril o que figurava de capataz ou arrieiro, e, após a saudação, reinquiriu:

— Se não havia alguma roça a alugar, para que a tropa não ficasse campo fora.

O velho retribuiu a saudação e respondeu desculpando-se com a sua extrema pobreza e a seca, pior que a de 19. E por esse tom prolongou-se a conversação, no correr da qual o capataz declarou-se mineiro, de nome Ricardo Valeriano Brandão, e dono da tropa, inteirando-se ao mesmo tempo de quem foi e a que estado se reduzira o velho Raimundo Alves, o herdeiro esbanjador de bonita fortuna, e que nem sabia ao justo quantos filhos naturais tinha em vários lugares.

Quanto aos camaradas, continuavam na faina de tirar cangalhas e raspar, enquanto o cuca desempenhava suas funções culinárias, tendo começado por encher e pendurar a borracha.

Ao lusco-fusco, depois de beber a água minguada e lutulenta da próxima lagoa, seguiu para a arrumação a tropa, guiada pelo andrajoso filho do Raimundo, o qual, por esse serviço, fazia jus aos rojões do cuca.

O mineiro tinha armado a rede no peitoril, recusando a sala ou a varanda, por causa do calor.

Foi uma noite de fartura e de folgança para a ditosa família Alves. Além de partilharem todos da gorda ceia de arroz com carne (o antigo loco, que os almocreves espanhóis e portugueses aprenderam dos árabes), e mais do legítimo café mineiro, ouviram, até alta noite, um dos mais famosos improvisadores de trovas, desses tempos, a que chamavam Manuel Pingo d'Água: tropeiro de ofício, valente por índole, e tocador de viola por arte.

## CAPÍTULO II

Sol alto, a tropa milhada e engangalhada, esperava a hora de arribar. Os camaradas almoçavam. Enquanto arreavam o ruão, o mineiro, reatando a conversa interrompida com o Raimundo, afirmava:

— É como digo: por menos de cinco mala-reis não vai um celamim para ninguém. O sal da terra pode-se achar mais em conta; o sal de Baixo, não. A tropa está morta. Não está vendo? Não há tropa que suba, nem desça. A estrada está que nem um fiapo de capim manso. Onde tem, nalgum ponto, é amargoso, capim brabo e fraco. Desde que saí da Serra Nova, quase não descansei. Cheguei em S. Félix, achei logo frete inteirado para Maracá. Aí tampei a tropa de sal, e ia para casa. Mas no Gavião soube que na Lavra do Mucujê, sal e toucinho estão bons. Então troquei um bocado de sal por toucinho e aqui vou eu...

— Ah! seu Ricardo, interrompeu o velho, nós estamos perguntando por perguntar. Como já disse, tivemos criação e dinheiro, mas hoje não temos nada. Se sua mercê der um celamim por meio cobre, pois nem assim podemos comprar. Faz dous meses que não sabemos o que é uma pedra de sal na boca. Vivemos de raiz do mato, fruta brava e palmito cozido sem sal!

— Na verdade! comentou o mineiro, sorvendo após uma fumaça do pito de Baependi; para quem já teve, dói muito!

— E todo o mundo destas beiradas! acrescentou o velho, pondo a prumo a cabeça, que se assemelhava à de um esqueleto.

— E por que não vão para as Lavras? inquiriu o mineiro; lá está tudo caro, mas ainda não se come raiz de pau.

— Que é da força pra caminhar, meu senhor?! atalhou a velha; e ainda para sustentar uma porção de gente que só tem pele e osso?! Sua mercê quer ver?

E a mulher, com cara de fúria, gritou em voz esganiçada:

— Ó João, chama tuas irmãs!

Apareceu um rapazinho de uns 14 anos, coberto de trapos que foram camisa e calções, muito sujos, predominando a cor vermelha da terra que habitava.

— Chama tuas irmãs! repetiu a mulher que armava assim uma cena de efeito para obter alguma esmola.

Em alguns momentos surdiu à porta da varanda um grupo de três moças, parecendo ter 15 anos a mais nova.

E essa mãe, a quem a fome tirara certamente todo o amor maternal e todo o pudor feminino, se é que em tempo algum o teve realmente, levantava, sacrilegamente, os trapos que cobriam os ombros e seios e essas pobres criaturas, para que o mineiro, certificando-se de sua miséria, pela magreza extrema de suas filhas, se compadecesse ao mesmo tempo. Ao aproximar-se, porém, da mais velha, que poderia contar 18 anos, esta recuou um passo. Apesar da fome, corava e reagia.

— Ó xente, Maria!! que é que tem o homem ver tua magreza?!

Duas lágrimas brotaram dos olhos da moça que sentou-se no pavimento, apoiando a cabeça sobre os joelhos.

— Menina tola! quem tem vergonha morre de fome!

No terreiro, ao longe, Pingo d'Água começou a cantar em dueto com um companheiro, enquanto descansavam o almoço.

— Deixe a moça, Dona, disse o mineiro penalizado.

— Levanta a cabeça, Maria! insistia a velha, com o olhar chispando de ódio e, fingindo um sorriso, acrescentou, como gracejando: - Ele quer te levar; tu queres ir?

E, ao mesmo tempo, fingindo uma ameaça que, entretanto, exprimia sua verdadeira intenção, afirmou:

— Se ele desse um celamim de sal, bem que eu te dava para cozinhar na casa dele.

— É que nem isso ela vale, obtemperou o velho, interrompendo um cochilo.

O mineiro, de cabeça baixa, pitava, em silêncio, meditando sem dúvida nas aberrações possíveis da natureza humana, e no que, a esse respeito, tinha visto, desde criança, em suas viagens.

Ao levantar a cabeça, deu com o olhar na moça. Notou, então, que, apesar da magreza, Maria conservava uns tons de beleza, apenas esmaecidos pela fome. Os olhos negros e grandes pareciam, nesse momento, refletir um braseiro; o rosto

moreno, emoldurando-se pelos cabelos lisos e corredios que se desgrenhavam nos ombros, patenteava longo martírio. Não inspirava sensualidade, porém amor e compaixão.

— Pronto, patrão! disse um dos camaradas.

— Carrega!, ordenou Ricardo, em voz pausada, voltando-se para o camarada.

— E sua mercê tinha coragem de dar um celamim de sal pela Maria? interrogou o velho Raimundo, em tom de desenxabida chocarreirice.

— Até mais, se não fosse pecado e crime comprar gente forra, respondeu o mineiro, supondo que o velho gracejava:

— Estou falando sério, asseverou o velho; sua mercê não sabe o que é comer palmito sem sal, por necessidade.

— Compro, disse o mineiro, tornando-se vermelho.

— Está dito, bradou a velha, apanhando num torno da varanda uma cuia grande, em que devia receber o preço de sua filha mais velha; aqui está esta cuia que é um celamim certinho.

O mineiro gritou ao cuca e mandou trazer um celamim de sal, um lanho de toucinho e um pedaço de carne.

Marido e mulher não sabiam de que modo exprimiriam seu contentamento e gratidão. O mineiro é que não contava com semelhante gratidão. Num açodamento indescritível, a velha foi suspender ao fumeiro o saquinho de sal, a carne e o toucinho, cujo cheiro só, lhe causava um prazer infantil.

Arrochando os últimos animais do seu lote dianteiro, Pingo d'Água cantava propositadamente:

Nesse mundão tenho visto!  
Mas aqui já é sofrê!  
Aqui é que filho chora,  
Filho chora e mãe não vê!

Ao atar à corda do fumeiro, a velha resmungava, respondendo ao trovista, como se pudesse ser ouvida:

— Vê, sim; mais a fome é que tem cara de herege!

No peitoril, o Raimundo, numa espécie de delírio, esfregava as mãos de contente, e de olhos fechados, prelibava o gozo de um pedaço de carne gorda, que, havia meses, nem ao menos lhe fora dado cheirar.

As duas irmãs de Maria tinham-se retirado, chorando.

Então, dirigindo-se à vendida, que soluçava convulsivamente, o mineiro falou:

— Não chore, não, moça; seus pais venderam a filha, mas a filha não foi comprada: fica aí, com eles; somente lembre-se que o mineiro se chama Ricardo Brandão. Aqui está mais uma lembrança, que eu destinava a uma irmã.

E assim dizendo, tirou da escarcela uma pequena medalha de prata e a entregou com mão trêmula. A moça recebeu a lembrança e disse por entre soluços:

— Deus ajude a vosmecê, e lhe dê feliz viagem!

Partia o lote dianteiro. Depois de rasgada cortesia com o chapéu de couro, e um até outra vista, a quem estava no peitoril, Pingo d'Água soltou dois gritos guturais para ativar o lote, e seguiu cantando:

Guardo o mimo que me deste  
Na hora da retirada:  
Quem paga amor com firmeza  
Não fica devendo nada!

O velho Raimundo mal voltara a si da surpresa. Nos seus tempos de miséria, não tinha visto generosidade igual. Disse, por fim, desenvolvendo a elevada estatura e acenando com os compridos braços esqueléticos:

— Pois, senhor Ricardo Brandão, aqui fica este velho, que, se não morrer, ainda pode servir pra botar seu animal no pasto, quando sua mercê passar por aqui outra vez.

Depois de uma pequena pausa, murmurou:

— É verdade! bem se diz que o mineiro tem o coração nas mãos!

Ricardo mordia a ponta do cigarro, olhando para os dois lotes que partiam. Restava o da cozinha, sempre mais retardatário.

O velho abanava a cabeça. Ao ver assomar à porta sua mulher, disse:

— Sinhá Maria Rosa, pois o mineiro é bom mesmo.

— Pois não deixou ficar a Maria?

— Ué!... pois não leva, não? interrogou a velha sem ocultar seu desapontamento.

— Não, sinhá Maria!

— Deus é que o há de ajudar! Deus é que o há de ajudar! repetia a velha com esforço, porque sua intenção era desobrigar-se de sustentar a filha.

Partia o lote do coice. Ricardo correu a vista no rancho, apertou no mento a correia do chapéu de couro curtido, amarrou as esporas, despediu-se de todos, trocando com Maria um aperto de mão, e saltou no seligote, esporeando o ruão energicamente.

Adiante, voltou-se; Maria enxugava os olhos, debruçada no peitoril. O mineiro parecia fascinado. Mais longe ouviu Pingo d'Água cantando:

Meu beija-flor da campina.  
Que tiveste o teu condão:  
Leva no bico a saudade  
Ao bem do meu coração.

O sol, a essa hora, calcinava a estrada poeirenta da catinga. Os animais turravam e gemiam por desafogo.



### CAPÍTULO III

Poucos, da atual geração de baianos, desconhecem, pelo menos de tradição, o que foi, para o povo sertanejo, o ano de 1860. De quantas secas periódicas têm devastado os sertões brasileiros, raras legaram tão horrível memória, como a geralmente conhecida por seca de 60, aliás 59, de que resultou a crise alimentícia denominada fome de 60.

Na crença dos adoradores de um Deus que pune e premeia, nunca se revelou mais evidente e punitivo o seu braço irado e inexorável.

Nesse ano de tristíssimas recordações a zona ubertosa do interior da província da Bahia transformou-se em terra sáfara, imprestável; de nutriz fecunda e dadivosa, que era, mudou-se em madrasta irritadiça e ilacrimável; de liberal e opulenta, em mendicante e miseranda.

Em grandes extensões de terreno não se vislumbrava sinal de clorofila senão no Icó, a planta que resiste a todas as secas, e nas diversas espécies de cactos, entre as quais sobressaíam o mandacaru, a palmatória e o xiquexique formando este sempre e em grande cópia os grandes e bizarros candelabros de Humboldt.

A catinga (mato esbranquiçado) justificava de modo perfeito a denominação tupi, dada a essa vegetação enfezada.

Para cúmulo da penúria vegetal e animal, os incêndios multiplicavam-se nos campos e carrascos. Propósito ou descuido de caminhante ou caçador, o fogo fortalecia a ação destruidora do sol.

No céu, nenhum sinal promissor de chuva, e já ia em meio o ano.

Como sucede nos anos secos, nuvens tênues e esgarçadas passavam alto, muito alto, em diversas direções, como se evitassem baixar sobre a terra maldita.

Já não tinha encantos o alvorecer nas terras sertanejas. Um silêncio pesado substituíra a ruidosa alegria do passaredo farto, a saltitar em meio da verdura primaveril doutros tempos.

Os arrebóis vespertinos aparentavam apenas a beleza trágica de quotidianos incêndios em vastas e longínquas regiões do ocidente.

De resto, o céu em fogo dizia bem com o alvejar das ossadas dispersas pelos campos desolados.

As fazendas mais abastadas estavam quase desertas. Dificilmente se ouvia um mugido, mesmo tristonho e cavernoso. Mais de um fazendeiro rico batera já as porteiros dos currais mal situados.

Pequenos lavradores e criadores, transformados em jornaleiros de pataca e de doze vinténs, emigravam sem destino, isto é, caminhavam à toa, por falta de trabalho e de alimento.

Nas estradas, de espaço a espaço, encontravam-se quadros vivos da mais completa consternação. Aqui, um velho, cercado de filhos e netos famintos, num cirro interminável de durar dias e dias; ali, um desventurado pedindo pelo amor de Deus um punhado de farinha para que o filho pudesse morrer; adiante a figura esquelética doutra mater dolosa, na última agonia, deixando que o filhinho lhe sugasse a derradeira gota de leite sanguinoso; além, orlando a estrada, arranchamentos provisórios, retirantes famintos, movendo-se lentamente, em busca d'água ou de raízes, extremamente magros, cheios de escaras, de doenças, de achaques, ou aniquilados de anemia profunda, e dentre os quais partiam gritos que aterravam, gemidos que cortavam o coração, e, de envolta com esses, imprecações dos desesperados, pragas dos cínicos, gargalhadas dos desalmados, choro de



crianças, tudo isso lembrando alguma coisa daquele choro e ranger de dentes do Juízo Final.

Viajando no coice da tropa, no seu ruão, passo a passo, Ricardo assistia, cada vez mais desanimado, a essa espécie de lúgubre procissão da fome, a desfilar-se vagarosa pela estrada afora.

Tendo arribado do pouso do Raimundo Alves, o mineiro mandou derrubar no Rodeador, distante três léguas, e onde ainda existia um olho-d'água, que nunca secou, porque nunca lhe fora destruída a vegetação protetora.

Junto à casa de um velho africano, derrubaram-se as cargas.

Feito o rancho, isto é, arrumadas em dupla fileira as bruacas e surrões de sal, sobrepostas as cangalhas, — peitoral para a frente, a fim de se não atrasar a viagem, — aceso o fogo e armada a trempe de três agulhas de arrocho, enfeixadas na parte superior, — os camaradas, menos o cuca, perguntaram ao patrão onde deviam arrumar.

O sol estava a cravar-se.

Ricardo Brandão dirigiu-se ao velho africano, que tecia esteiras de pindoba, sentado à porta, e depois de saudá-lo, indagou:

— Se não havia pasto, perto ou longe.

— Passo que é, sinhô?! exclamou o preto admirado. Passo é esse que sinhô tá vendo: folha seca só. Agora, si sinhô qué que burro coma de noite manda gente derrubar mandacaru. Munto bom; boi gosta muito.

O mineiro riu da estultícia do conselho, e insistiu:

— Mesmo longe não haveria alguma roça velha, encapoeirada?

— A roça que é, ioiô? perguntou o africano, com cara de riso. Pai Tomé veio moleque pra terra de branco, e nunca viu coisa assim. Ah! ioiô! Deu brigou com nós tudo! A roça aqui, nem longe nem perto; nem velha, nem nova. Ué!

E continuou a trabalhar.

O mineiro decidiu-se a mandar arrumar num eixo de serra, que se via a certa distância, e para abreviar foi ajudando a tanger os animais. A uns duzentos passos estava um homem cavando a terra.

Parou. Com a curiosidade de saber para que fim, aproximou-se, e depois das boas tardes, perguntou:

— Você procura água nesse duro, amigo?

O sertanejo levantou a cabeça:

— Não, patrão; estou fazendo uma cova para meu filho que morreu.

Olhe ali. Era um menino que fazia gosto ver! Vivo como ele só!

O mineiro olhou e viu uma mulher sentada junto a um murundu, tendo no regaço o cadáver dum menino.

Depois de um longo suspiro, o sertanejo acrescentou em voz queixosa:

— A fome, patrão! a fome é que faz tudo isso!

— E o menino morreu de fome? inquiriu o mineiro.

— Morreu, sim senhor! disse o sertanejo, e acrescentou: - como muita gente tem morrido por este sertão de meu Deus! Até pai já tem matado filho pra comer! Perto daqui mesmo, dizem, eu mesmo não sei, dizem que um velho Raimundo (pode ser que sua mercê tenha dormido na casa dele), que esse velho Raimundo já matou dois.

O mineiro sentiu apertar-se-lhe o coração. Ligeiro calafrio cortou-lhe a espinha dorsal.

— Que é que está dizendo: homem?! exclamou, sem dominar-se.

— Não sei, patrão; o povo é que diz. E parece que é assim mesmo porque ninguém sabe rumo dum que ele disse que se perdeu no mato, há uns dias.

Rápida associação de idéias fez esfriarem as mãos do mineiro. Somente agora lhe causava estranheza que o velho Raimundo tanto insistisse para trocar uma filha por um celamim de sal, em vez de o fazer por um pedaço de carne, quando por não tê-la se queixava.

Pensou em Maria, e o coração doeu-lhe deveras.

Não quis, em todo o caso, revelar o negócio do sal.

Não se confessaria ingênuo ou cúmplice involuntário de uma tal monstruosidade.

— Vender filho, continuou o sertanejo, isso é coisa que se vê todos os dias.

— Na verdade! comentou o mineiro, baixando a cabeça, pensativo.

— Ah! patrão de minh'alma! exclamou o sertanejo, parando a escavação, têm se visto coisas com esta fome! Saí da terra dos meus, cidade de Caitité, e lá, e nos caminhos tenho visto! Patrão – bradou o retirante com amargura, — o Deus que nos protegia morreu ou mudou-se!

A enxada caiu de novo, cavando fundo, enquanto pela face do sertanejo duas lágrimas desciam vagarosamente.

Houve pequena pausa, durante a qual só se ouvia o tum, tum, abafado, da enxada na cova.

—Nós, João, não devemos agravar a Deus; antes sofrer com paciência! disse, sufocando os soluços, a mulher, cujo rosto, oculto pelo xale, não pôde o mineiro observar.

O sertanejo não respondeu. Enterrando mais o chapéu de couro na cabeça, e cerrando os maldades, como para estrangular qualquer imprecação inconveniente, continuou a trabalhar.

Ricardo interrompeu o doloroso silêncio.

— E daqui para onde você vai, Sr João?

— Eu mesmo nem sei, patrão. Daqui, talvez pra beira-mar. Tenho vontade de tentar a sorte na Chapada Nova mais a mulher está repugnando.

— Pois é bom ir. Eu pra lá vou vender um salzinho. Se for bom deveras, fico.

— Daí, pode ser que eu vá, obtemperou o João. Só tenho medo de ser um lugar, onde ainda se mata gente por vadiação.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

